



Annástria

E os Sete Escolhidos

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

D223a
2. ed.
v. 2

D'Aquitaine, Selène
Annástría e os sete escolhidos / Selène D'Aquitaine. - 2. ed. - São Paulo : Ícone,
2014.

400 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-274-1266-7

1. Ficção brasileira. I. Título. II. Série.

14-14229

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

21/07/2014 23/07/2014

Selène D'Aquitaine



Annástria

E os Sete Escolhidos

2ª edição

Volume II

Brasil – 2014

Icone
editora

© Copyright 2014
Ícone Editora Ltda.

Capa
Selène D'Aquitaine

Diagramação
Suely Danelon

Ilustrações
Selène D'Aquitaine

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados à:
ÍCONE EDITORA LTDA.
Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda
CEP: 01135-000 – São Paulo/SP
Fone/Fax.: (11) 3392-7771
www.iconeeditora.com.br
iconevendas@iconeeditora.com.br



Prefácio...

Eu estava com 18 anos quando dei início ao segundo volume da Trilogia Annástria, e decidi que seria interessante adotar uma linguagem em primeira pessoa e dividir o livro em quatro partes, dando voz à Stellnaja, Ímpar, Darin e William. Gostei muito da experiência de dar voz as minhas personagens e permitir que elas transmitissem seus sentimentos em palavras.

Cada um dessas quatro personagens tem seu jeito de narrar, de encerrar os desafios e de questionar (ou não) tudo o que estão vivendo. Tenho um carinho enorme por cada uma que crio, pois é como se fossem pessoas muito queridas. Procurei colocar em palavras como elas sentem como é fazer parte da missão de salvar Annástria, e, ao receber o retorno dos leitores, fiquei muito contente, pois percebi o quanto eles se envolveram ao conhecer um pouco do íntimo dessas figuras que, no primeiro volume da trilogia, eram conduzidas por uma terceira voz e poucos eram os momentos em que tinham a oportunidade de se desvincularem desta e manifestar a sua própria. Agora, são elas quem contam o que sentem e até confessam algumas de suas dúvidas e revoltas. A resposta dos leitores foi muito legal! Muito obrigada a todos que se deixaram envolver pelas minhas personagens!

Durante a elaboração da primeira edição de “Annástria e os Sete Escolhidos” eu estava em fase de vestibular e dar conta do livro e dos estudos foi uma aventura que, no fim, valeu muito a pena. O livro ficou pronto na mesma época que entrei na faculdade, porém ele não chegou a ter um lançamento/tarde de autógrafos decente em uma livraria, pois quando eu e meu editor estávamos planejando quando e como seria o lançamento, eu fui diagnosticada com câncer muito sério. O susto que levei foi tão grande que o lançamento em livraria não chegou a acontecer simplesmente porque a própria autora não poderia estar presente!

Não ter lançado o livro foi algo que me deixou abalada durante um longo tempo. Eu não queria morrer no meio da quimioterapia e perder a

oportunidade de lançar meu livro. Demorou, mas a primeira edição de “Annástria e os Sete Escolhidos” teve seu lançamento no Fantasticon de 2012.

Na sua segunda edição, este livro ganhou capa e sinopse novas! Um recomeço, certo? O segundo volume da Trilogia Annástria, a meu ver, é o mais “pesado” da série. Por que digo isso? As personagens vão enfrentar desafios que as farão questionar a missão de salvar Annástria, será colocado em jogo tudo o que elas acreditavam ser certo. Digo que o mais “pesado” para as personagens, pois se antes elas tropeçaram, agora será cobrado um alto preço caso um deslize seja cometido, então a missão deixa de ser uma simples aventura. As personagens percebem que, apesar de serem crianças, elas não serão poupadas se fracassarem.

Muito obrigada a todos que acompanharam este livro desde suas primeiras linhas! Quero deixar um agradecimento especial a minha mãe (que quase me deserdou quando eu escrevi algumas cenas da narrativas das Ímpar e do Darin) e ao meu professor do Ensino Médio Fábio Corradini, um dos primeiros leitores de “Annástria e os Sete Escolhidos”.

Selène d’Aquitaine





Prólogo...

Jane e Orlando estavam trabalhando em sua mais recente invenção. Uma Flecha Dourada de trinta centímetros de comprimento com a ponta feita de chifre de unicórnio. Foi a grande sensação em toda Annástria e colônias. O casal de feiticeiros foi ricamente premiado, e homenageado pelo próprio Zolum. A flecha era capaz de cortar laços entre indivíduos e as entidades que o atormentavam. Ela também era capaz de cortar laços de dependência feitos com magia negra. A magnífica arma só poderia ser usada por quem a criasse, por quem tivesse conhecimento sobre sua construção. O casal jamais revelara tal processo a quem demonstrasse curiosidade, pois decidiram que esse conhecimento apenas seria compartilhado com as futuras linhagens da família, através do subconsciente.

O casal teve apenas uma filha. A jovem era completamente desinteressada pelo trabalho dos pais em relação a magia, poções e artefatos mágicos. O que mais fascinava a jovem rebelde era a dimensão dos humanos. Assim que completou dezoito anos, ela mudou-se para a dimensão dos seus sonhos.

A partir disso, as próximas gerações foram se afastando cada vez mais de Annástria e da magia, mas se dedicaram a áreas similares no mundo dos humanos, como a indústria química, por exemplo. O talento para as pesquisas e as grandes descobertas sempre esteve no sangue da família, porém a magia parecia esquecida. Não que os membros das novas gerações não tivessem talento para a magia, apenas a ignoravam ou sequer o percebiam.

A situação tomou um rumo completamente diferente com a filha de Matilda – herdeira do sangue de Jane e Orlando – e Guilherme, a bonita Alina. Essa jovem tomou conhecimento de seus dotes mágicos, porém usava seus poderes para fins pessoais e até mesmo maliciosos. Alina, moça de longos cabelos castanhos tão atraentes quanto chocolate e dona de belos e ousados olhos verdes, era a mais inteligente

de sua árvore genealógica. Sua inteligência e magia eram geralmente usadas para vingar-se de inimigos e obrigar as pessoas a fazer o que ela bem quisesse. Alina atraiu a atenção de Satine, é claro. A moça dos olhos verdes teve seu primeiro encontro com a Dama das Trevas em uma tarde em que estava trancada em seu quarto lendo um livro de magia. Ela queria vingar-se de sua rival no colégio e roubar seu namorado. Pelo que tudo indicava, sua rival conquistou o prêmio de melhor aluna da classe e o garoto mais disputado do colégio. Pura futilidade colegial e adolescente. Alina, porém, odiava perder.

Trancafiada em seu quarto, a jovem transbordava ódio quando finalmente encontrou a chave para sua vingança. Alina realizou um ritual para chamar ninguém menos que Satine.

— Finalmente descobriu como chamar-me – disse a Dama das Trevas. Alina encantou-se com a beleza de sua nova mestra. – Estou observando você há muito tempo, querida. Sei tudo sobre você e seu glorioso passado.

Alina imediatamente gostou do que ouviu.

Satine revelou para a sua nova discípula a história de seus antepassados, Jane e Orlando.

— Flecha dourada? Oh! Já sonhei inúmeras vezes com essa flecha! Além disso, já sonhei que eu estava preparando poderosas poções mortais... e usei todas elas para acabar com as pessoas de que eu não gosto. Detesto o mundo em que vivo! Ele é tão vazio, sem graça... A magia negra sempre foi minha grande paixão. Meus pais idiotas vivem me dizendo que magia não existe... Eles são muito superficiais.— Então deseja vingar-se de sua inimiga? Satine sempre estava disposta a ajudar vingadores. – Devo avisá-la de que não faço favores de graça.

— Claro que não! Eu também não sou altruísta. Tudo na vida tem seu preço, não é? Quem ajuda sem nada pedir em troca não passa de um grande perdedor.

— A senhorita está disposta a pagar qualquer preço?

— Gosto de dizer que estamos fazendo uma *negociação justa*.

Satine adorava o jeito que a perversa Alina falava. A moça era o tipo de pessoa que Satine gostaria de ter como filha.— Diga-me o que deseja em troca, poderosa Satine.

Satine declarou seu preço.

— Oh, minha nossa! – exclamou Alina animada. Chama isso de pagamento? Oh, Satine! A senhora é a deusa que eu tanto louvo! Eu estou lhe suplicando um capricho meu e em troca me pede algo tão insignificante? Isso é bom demais para ser verdade.

Satine divertiu-se.

— Considera meu preço pequeno? Não se preocupa com as consequências?



— Eu não! A senhora estará livrando-me de um fardo e fazendo-me um favor. Honestamente, pouco me importo com o que pretende fazer com meu barato pagamento. Contanto que meu capricho seja satisfeito... o resto é lucro!

No dia seguinte, a inimiga de Alina teve uma horrível surpresa. Seu cabelo caiu todo durante o banho após a aula de ginástica. A pobre moça foi humilhada na frente de todos. Pouco depois, sua pele ficou cheia de manchas roxas, seus olhos ficaram sem cor, ela tossia sangue, seu organismo foi ficando cada vez mais fraco e doente. A maldição agiu tão depressa que mal deu tempo de a professora de ginástica chamar algum médico. Em vez de ficarem chocados com o ocorrido, os alunos do colégio acharam graça.

O garoto mais disputado do colégio, Sérgio, garoto alto, pele morena, cabelos escuros e olhos negros, ficou perdidamente apaixonado aos pés da louca Alina. A jovem tornou-se ainda mais malvada e maliciosa. Fez o garoto de gato e sapato. Inebriado pela magia negra, Sérgio suplicou para Alina casar-se com ele.

Poucos meses após o casamento, Alina ficou grávida. Teve um filho prematuro para quem o futuro reservava uma terrível missão. O garoto conseguira sobreviver aos duros primeiros quatro anos de vida. Ele era uma simpática criança muito parecida com a mãe. Alina detestava aquela coisinha pequena. Seu filho era extraordinariamente inteligente.

No aniversário de cinco anos do garoto, Alina e seu marido receberam uma visita esperada apenas por Alina. Satine viera cobrar o que lhe fora prometido.

O garotinho estava brincando de explorar seus poderes. Ele estava curando um ferimento que havia feito ao brincar com pedaços de vidro. Sentado no tapete persa da sala, a criança mal ligava para o dia do seu aniversário. Satine aproximou-se e ajoelhou-se para pegá-lo no colo.

— Você agora será todo meu!







Capítulo um

Fim das férias

Era um dia ensolarado quando desci as escadas para tomar café da manhã com a minha tutora, a senhora Anita Collin.

— Bom dia – disse eu, fazendo uma leve mesura para a minha tutora.

— Bonjour, ma chérie. Comment allez-vous? – Anita Collin sempre cumprimentava as pessoas em francês, mesmo quando estávamos de férias no Brasil.

— Je vais bien, merci. Et vous? – perguntei, tomando meu lugar ao lado da tia Anita.

Ela sorriu e me serviu uma xícara de café com leite. Antes de conhecer o Brasil, eu só tomava chá de ervas finas, o que não é nada demais comparado com o bom e docinho café com leite brasileiro. Passar as férias na Bahia foi muito agradável. Tia Anita alugou um quarto modesto e simpático em uma pensão na cidade de Salvador. A dona da pensão, Isaura, era uma senhora negra, gordinha, muito animada e excelentíssima cozinheira. Minha tia Anita ofereceu um valor alto para dona Isaura alugar a pensão exclusivamente para nós. Claro que dona Isaura aceitou. Anita pagou para ela um pouco mais que o dobro do montante anual que a senhora recebia normalmente.

— Ocêis tão gostando da comida? Fiz a cocada e o doce de rapadura especial pras menina – disse dona Isaura.

— Está tudo muito bom! – eu disse, enchendo a boca de goiabada. Definitivamente, a culinária brasileira é a minha favorita. – Vou sentir muita falta daqui.

Dona Isaura sorriu e me serviu uma fatia de pão com manteiga.

— Ocê é muito magrela, menina. O que ocê come lá nas França?

— A culinária francesa é completamente diferente da brasileira. Admito que como muito pouco... – eu disse.

Depois de passar quase dois meses de férias no Brasil, eu já estava morrendo de saudade de Paris. Foi muito difícil, no começo, a adaptação ao clima quente da Bahia. Nunca senti tanto calor em toda a minha vida. Depois de terminarmos o café da manhã, tia Anita e eu subimos para o nosso quarto para arrumarmos as malas.

— Stellnaja, querida, não se esqueça de pegar todas as suas roupas – disse minha tia, arrumando seus vestidos de seda dentro de sua tradicional mala feita de tapete persa. Aquela mala era um pouco ridícula, tenho que admitir. Anita Collins, apesar de sua origem inglesa, era dona de Tourdeon, um colégio particular francês de alto padrão. Para uma mulher de quarenta e cinco anos, Anita era muito elegante com seus cabelos castanho-claros cacheados, olhos claros e pele clara. Quem olhasse para nós com certeza perceberia que tia Anita e eu não somos parentes. Meus cabelos lisos e negros e meus olhos incrivelmente verdes e expressivos não se parecem nada com os da minha tia, com sua branca elegância renascentista. Meu padrão de beleza é mais oriental e, modéstia à parte, muito mais sedutor.

Depois de terminar de arrumar as malas, vesti minha meia-calça branca favorita e um vestido preto. Tia Anita e eu nos despedimos de dona Isaura e seguimos para o aeroporto. O voo para Paris foi longo e cansativo.

— Merci beaucoup – disse minha tia quando o taxista nos deixou na porta da Academia Tourdeon. O hall principal era assustadoramente enorme sem os alunos circulando por todos os lados. O piso de madeira havia acabado de ser encerado, as paredes estavam com a pintura restaurada. Olhei para cima e vi que os lustres de cristal continuavam lindos. Tudo em Tourdeon era lindo, claro e delicado. A decoração era muito nobre, rica em detalhes. Os zeladores que estavam de plantão ajudaram-nos a levar as malas para o penúltimo andar, o sexto, onde ficava os nossos quartos. Tourdeon era bem grande, tinha sete andares, sem contar o sótão e o porão. Por fora, a academia parecia com uma mansão enorme. Agradei a ajuda do zelador e entrei em meu quarto.

— Pelo menos vou ter essa noite sem a detestável companhia da minha “adorável” colega de quarto, Gina – disse para mim mesma de-



pois de me jogar na cama.

Levei um bom tempo para arrumar todos os meus pertences e garantir o melhor armário do quarto. No dia seguinte, as alunas e os professores já estariam aqui. Ah, sim, Tourdeon era uma academia exclusiva para garotas.

Estava tão cansada que me dei ao luxo de dormir sem jantar. A noite estava fria, comparada às longas noites abafadas do Brasil. Enrolei-me em toda a coberta, mas, mesmo assim, continuei com um pouco de frio. Quando finalmente peguei no sono, tive um sonho muito estranho.

Sonhei que estava perdida em uma floresta. As árvores não possuíam nenhuma folhagem, o clima estava congelante e não havia nenhum animal. De repente senti uma estranha queimação em volta do meu pulso direito até a palma da mão. Quando olhei para o meu braço, gritei de susto. A imagem de uma cobra naja esverdeada começou a surgir na minha pele. A naja enrolava-se em meu pulso e abria a boca na palma da minha mão. A naja parecia se mexer levemente. Pouco a pouco meus olhos começaram a arder e senti um forte gosto de veneno na minha boca. Meus dentes também doíam muito, como se estivessem crescendo rapidamente e se transformando em presas afiadas e venenosas.

Eu gritava desesperada, porém ninguém veio me ajudar. Estava completamente sozinha e perdida. Quando as dores já estavam me levando à loucura, despertei com falta de ar. Passei as mãos pelo meu rosto para limpar o suor e tentei me acalmar. Hesitante e com medo, sentei na poltrona da penteadeira e quase caí para trás ao ver meu reflexo no espelho. Meus lábios estavam vermelhos como sangue, meus olhos verdes tornaram-se dourados e tinham a pupila em fenda. Eu estava com olhos de cobra.

— Pela maçã de Eva, isso não pode estar acontecendo! Stellnaja Bellask, você só pode estar sonhando... — comecei a sussurrar para mim mesma, mas me calei ao notar que a naja esverdeada continuava tatuada na minha pele.

Eu nunca li a Bíblia ou nenhuma outra Escritura Sagrada, porém naquele momento de desespero eu comecei a orar para o Deus da Bíblia. Fiquei um bom tempo implorando para eu não me transformar em uma cobra ou algo do gênero.

Finalmente, reuni coragem e me olhei no espelho.

Alívio.

Minha aparência voltou ao normal. Olhei para o meu pulso e a naja desaparecera.

— Vou ser positiva e acreditar que o fato de o meu nome ser Stellnaja não tem nada a ver com ter aparecido uma cobra naja no meu pulso, o gosto de veneno na minha boca, as presas e os olhos de fenda... Tudo não

passa de uma irônica ilusão.

Naquele momento, três e meia da madrugada, era oficial, eu estava completamente louca. Tentei voltar a dormir, porém o medo de sonhar com a cobra era maior do que o meu sono. Passei o resto da madrugada olhando para a lua crescente e me perguntando como seria se eu me transformasse em uma cobra de verdade.

— Preciso parar de ler livros de suspense – murmurei para mim mesma.

Minhas últimas horas de sossego antes da minha antipática colega de quarto chegar foram literalmente desperdiçadas com a minha preocupação e pressentimento de que minha vida estava prestes a mudar drasticamente. Mas não sabia dizer se essa mudança era para melhor ou para pior.

